

## OS IMPACTOS DO MONOCULTIVO DE EUCALIPTO NA MICRORREGIÃO DE TRÊS LAGOAS/MS<sup>1</sup>

### THE IMPACTS OF THE GREEN DESERT IN THE MICRO REGION OF TRÊS LAGOAS

Mieceslau Kudlavicz<sup>2</sup>

RESUMO: Este artigo analisa os impactos percebidos no campo sulmatogrossense como consequência da expansão dos plantios de eucalipto e do estabelecimento, no município de Três Lagoas, da maior fábrica de celulose e papel da atualidade pertencente à empresa FIBRIA. As informações foram coletadas em trabalho de campo, onde deu-se relevo às falas dos sujeitos que sentem no cotidiano as consequências das mudanças em andamento. Consequentemente, destaca-se como apontamentos acerca dos impactos do monocultivo de eucalipto a desagregação das comunidades rurais, a precarização do trabalho, a especularização fundiária, o desequilíbrio da fauna e flora, dentre outros. Situações que nos levam a questionar o modelo de desenvolvimento em curso na região.

PALAVRAS CHAVE: Monocultivo de Árvores, Biodiversidade, Concentração Fundiária, Impactos Socioambientais.

RESUME: This article examines perceived impacts in the countryside of Mato Grosso do Sul as a consequence of the expansion of eucalyptus plantations and the establishment in the city of Três Lagoas, of the largest cellulose and paper plant of today belonging to the company Fibria. The information was gathered in fieldwork, where relief was given to the speeches of people that feel the consequences in the daily changes in progress. Consequently, it stands out as notes about the impacts of eucalyptus monoculture,

---

<sup>1</sup> Texto produzido a partir das reflexões do autor na mesa-redonda "**A territorialização do complexo celulose-papel: o local e o nacional**", correspondente ao "I Simpósio sobre a formação do complexo celulose-papel em Mato Grosso do Sul: limites e perspectivas", realizado na UFMS – Campus de Três Lagoas, no período de 30 de Junho a 02 de Julho de 2011. A reflexão representa também parte dos resultados do projeto de pesquisa, intitulado: "A formação do vale da celulose: desdobramentos socioterritoriais do plantio de eucalipto na região Leste de Mato Grosso do Sul" - com apoio do CNPq.

<sup>2</sup> Prof. MSc. em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. [mie3l@uol.com.br](mailto:mie3l@uol.com.br)

disintegration of rural communities, job insecurity, land speculation, the imbalance of flora and fauna, among others. Situations that lead us to question the ongoing development in the region.

KEY-WORDS: Monoculture Tree, Biodiversity, Land Concentration, Environmental and Social Impacts.

### INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

O governo estadual e municipal tenta minimizar as prováveis conseqüências negativas da expansão do plantio de eucalipto na Microrregião de Três Lagoas apostando nos impactos econômicos que a implantação das indústrias de celulose e papel poderá oferecer divulgando frequentemente os aumentos do PIB do Estado que, segundo os defensores deste modelo, foi de 13% e municipal de 300%. Por sua vez, a mídia também faz a sua parte divulgando para a opinião pública nacional e internacional a formação do “Vale da Celulose” na região Leste de Mato Grosso do Sul. Recentemente, em outubro de 2010, a revista *Época Negócios*<sup>4</sup> publicou extensa reportagem intitulada “Três Lagoas – a Capital mundial da Celulose”, na matéria se reforça as vantagens e os aspectos econômicos que são de interesse da Indústria de celulose e papel.

Buscando fazer contraponto aos interesses dos defensores do agronegócio, a professora pesquisadora Rosemeire Aparecida de Almeida, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL), publicou artigo no

---

<sup>3</sup> Estas reflexões estão aprofundadas em: KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas/MS.** Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Geografia, UFMS, Três Lagoas, 2011.

<sup>4</sup> Disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Revista/Common/0,,EMI177058-16642-6,00-TRES+LAGOAS+CAPITAL+MUNDIAL+DA+CELULOSE.html>. Acesso em: 20/11/2010.

jornal “Correio do Estado”, em 29/11/2010, intitulado: “A Capital da Celulose – o não dito”. No referido artigo afirma que: “Alguns probleminhas, como o caos no trânsito, são citados aqui e ali, sem realce, para que pareçam coisa normal, consequência inevitável do progresso. O que não se revela são os números do “probleminha” que se materializam em seres humanos a lotar os leitos do único hospital público da cidade”.

Nas entrevistas do trabalho de campo realizadas com camponeses sitiados, professores de escolas, donos de comércios tanto na área rural como urbana, foi possível desvelar uma realidade que normalmente é ocultada pela mídia, pelas autoridades políticas e representantes empresariais. Os atores sociais entrevistados, embasados numa leitura do senso comum, já percebem os impactos negativos do monocultivo do eucalipto no seu cotidiano. Desta forma, se faz necessário explicitar essas mudanças que estão ocorrendo na estrutura econômica, social, ambiental e cultural do município após a territorialização do capital na Microrregião de Três Lagoas, particularmente com a instalação das indústrias de celulose e papel, a primeira sob comando da FIBRIA e a segunda da International Paper.

Neste trabalho daremos relevo às falas das pessoas que sentem no cotidiano as consequências das mudanças que estão ocorrendo no campo, para tanto nos apoiamos em Boaventura Santos quando, a respeito das formas de conhecimento, afirma:

A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida. [...] O senso comum é prático e pragmático; reproduz-se colado às trajetórias e às

experiências de vida de um dado grupo social e nessa correspondência se afirma fiável e securizante (SANTOS, 2010, p. 88-89).

### Eliminação do emprego no campo e desagregação de comunidades rurais

No relato de uma moradora da comunidade de Garcias – distrito de Três Lagoas, que nasceu no local (seu pai viveu 80 anos como morador de Garcias), quando perguntada sobre quais vantagens e desvantagens que o plantio de eucalipto trouxe para Garcias, ela foi categórica: “vai trazer vantagem para a fábrica deles. Mas para nós aqui foi prejuízo. Até casa boa, casa antiga foi desmanchada. Que não era prá ter desmanchado, porque nem documento tinha, pertence ao patrimônio” (informação verbal)<sup>5</sup>.

Esse sentimento é compartilhado não somente por outros moradores da comunidade de Garcias, mas também pelos moradores da comunidade do Distrito de Arapuá. São duas das maiores comunidades rurais do município de Três Lagoas que hoje estão sofrendo com o cerco do plantio de eucalipto. Garcias fica a aproximadamente 70 quilômetros da cidade de Três Lagoas e Arapuá cerca de 50 quilômetros. Seus moradores viviam na sua maioria das atividades agropecuárias como sitiantes, comerciantes e trabalhadores braçais das fazendas. O número de famílias que residiam nessas comunidades diminuiu significativamente, desestruturando o comércio local, a escola, o lazer e, até mesmo, as atividades religiosas da comunidade.

---

<sup>5</sup> Transcrição de parte da entrevista gravada com moradora da comunidade de Garcias, em 2010.

Em entrevista com um antigo morador da comunidade, um senhor de 71 anos, nascido no local, o mesmo informou que quem doou 40 alqueires para o patrimônio de Garcias foi o fazendeiro José Carlos de Souza. Parte desta área, posteriormente, segundo relato dos moradores da comunidade, foi grilada por Alcebíades de Oliveira que foi dono do cartório em Garcias. A área está ocupada hoje com os plantios de eucalipto.

Nos anos de 2006 e 2007 a área ocupada com plantio de eucalipto no entorno da comunidade de Garcias, cresceu expressivamente. Neste período de expansão do eucalipto Garcias recebia diariamente entre 6 a 7 ônibus deslocados da cidade de Três Lagoas com trabalhadores para realizar o plantio. Um comerciante local, que serviu e serve refeições para os trabalhadores das firmas plantadoras de eucalipto, informa que a maior área plantada com eucalipto no entorno de Garcias é da empresa CORUS AGROFLORESTAL<sup>6</sup>, que possui na região o Horto São Luis. A propriedade das terras é do grupo japonês NIPPAK S/A Desenvolvimento Agropecuário que tem outras fazendas nos municípios de Três Lagoas e Água Clara.

As empresas avançam por meio da monocultura do eucalipto sobre as comunidades não respeitando nem o espaço do lazer (foto 1) e apossando-se indevidamente das terras pertencentes à comunidade, apesar da revolta de seus moradores como fica explícito no relato que segue.

---

<sup>6</sup> Segundo divulgado pelo Plano Estadual de Florestas (2008) a Corus Agroflorestal possuía um plantio de 5.012 hectares com eucalipto e a Nippak 3.075 hectares com plantio de eucalipto.



A cachoeira pertence ao patrimônio. Não pertence à fazenda Nippak. A cachoeira pertence ao patrimônio. Aí eles cercam tudo. E aqui era a área de lazer. Do povo tomar banho era na cachoeira. Aí o povo cerca tudo e não quer que ninguém entra prá lá mais... A Nippak até o ano passado ela não tinha o documento, porque ela pertencia ao patrimônio.

[...] Não chegou totalmente a ter um documento. Porque aqui ela não é escriturada. Não consegue fazer documento. Se eles fizeram escritura é falsa. O pai do avô do Sr. Bitão fez uma doação. E quando ele adoou, os que pode fazer escritura foram fazendo. Moram por direito. Tem direito de posse. [...] Dentro do patrimônio não deveria ter plantado eucalipto dentro do patrimônio. Porque aqui é área da população (Informação verbal)<sup>7</sup>.



**Foto 1:** A cachoeira da comunidade de Garcias cercada com plantio de eucalipto  
**Fonte:** KUDLAVICZ, 08 de maio de 2010.

---

<sup>7</sup>Transcrição de parte da entrevista gravada com moradora da comunidade de Garcias, em 2010.

A comunidade também demonstra preocupação com os córregos e nascentes porque na percepção dos moradores: “eles plantam muito na beira do córrego. Tem de ter uma distância. Não pode tá plantando na beira do córrego, na beira da pindaíba. Tá secando porque eles plantam muito na beira dos córregos. Tem de ter uma distância. Conservar a beira do córrego”. Até mesmo o cemitério da comunidade de Garcias tem eucalipto em seu entorno, segundo relato dos moradores.

A chegada do eucalipto plantou o desemprego de muitas famílias que estavam trabalhando nas fazendas. Segundo relato de membros da comunidade, por volta do ano de 1996 residia 25 famílias na fazenda Nippak, 15 famílias na fazenda Vista Alegre e a fazenda Serrinha tinha aproximadamente 50 famílias. Sendo que, algumas conseguiram emprego no plantio de eucalipto, mas grande parte veio para a cidade de Três Lagoas trabalhar nas indústrias. Lembrando que atualmente os trabalhadores do plantio e tratos culturais do eucalipto são migrantes, em sua maioria.

Outra reclamação recorrente dos moradores relacionada com a expansão do plantio de eucalipto é que as estradas pioraram.

Na concepção dos comerciantes locais o eucalipto trouxe o fracasso do Distrito, explicam que o comércio não tem o movimento que tinha nos finais de semana. Alegam que até mesmo a escola corre o risco de ser fechada, pois em 2009 estavam matriculados 198 alunos e, em 2010, este número reduziu para 150 alunos. Logo, há probabilidade de no ano seguinte (2011) ocorrer à desativação da 1ª série do ensino fundamental por falta de alunos.

Este problema da falta de alunos não é exclusivo dessa comunidade, a situação se repete em Arapuá, por exemplo. Em visita a escola desse Distrito, em junho de 2010, os professores e diretores da escola Estadual de Arapuá relataram fatos muito semelhantes como consequência da venda e arrendamento das fazendas para o plantio de eucalipto.

Porém, nas entrevistas percebemos certo desencontro nas informações porque ao mesmo tempo em que reconheciam que muitas fazendas estavam mandando embora famílias de trabalhadores, cujos filhos estudavam na escola da comunidade, afirmavam que a escola não perdeu alunos.

Quando você falou em monocultura de eucalipto aqui, nós estamos preocupados de perder alunos. Porque nós tínhamos fazendas, muitas fazendas aqui em volta onde tinha muitos alunos. Mas foi nossa surpresa onde nós não perdemos nossos alunos. Continuamos numa média de 500 a 580 crianças. Então nós não perdemos. As fazendas continuaram sendo vendidas ou alugadas e os alunos continuavam freqüentando a escola.

[...] Perdemos alunos da fazenda Jatobá, da fazenda Rio Verde que tinha mais de 10 famílias.

[...] As famílias foram embora para outras regiões onde tem gado, outras foram para Três Lagoas. A grande maioria foi para Três Lagoas. 80% de nossos alunos são de fazendas. Andam 80 a 100 quilômetros para vir para a escola.

[...] Vão para regiões de Ribas do Rio Pardo, Paranaíba, Selviria. É para onde a gente manda as transferências de nossas crianças. Mas não teve impacto de perda de alunos (Informação verbal)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Transcrição de parte da entrevista gravada com professoras da Escola Estadual do Arapuá, realizada em 2010.



Esse paradoxo pode ser entendido analisando a dinâmica do processo. O fato de não ter diminuído o número de alunos da escola, apesar das famílias expulsas das fazendas pelo plantio de eucalipto, se deve em parte à vinda dos migrantes com suas famílias para o trabalho no complexo celulose/papel, principalmente de Minas Gerais. Segundo informação das professoras, houve época em que vieram mais de 30 famílias, particularmente entre 2006 e 2009, quando Arapuá recebeu algo em torno de 300 trabalhadores vindos dos estados de Minas Gerais e da Bahia. Relatam também que a entrada na escola dessas crianças trouxe certas mudanças no ritmo da escola, principalmente no que diz respeito à rotatividade de alunos. Pois a permanência das famílias depende da firma e de seus contratos de trabalho com a FIBRIA, ou seja, elas vêm na época do plantio, do controle das formigas e no tempo da desbrota. Em suma, ficam uma temporada e depois partem para outros destinos.

A rotina escolar não foi alterada somente como consequência da entrada e saída das crianças que vêm de fora, mas também às mudanças no ritmo de trabalho das mulheres da própria comunidade de Arapuá. Vejamos estas mudanças que ocorreram a partir do relato das professoras.

Em relação às mães o que a gente percebe [as mudanças]. Muitas mães só trabalhavam em casa. Agora algumas mães passaram a trabalhar nessas indústrias [empresas de plantio de eucalipto] de eucalipto também. Trabalho duro, trabalho difícil, cansativo. Mudou a rotina diária de algumas mães dos nossos alunos.... Mulheres que antes trabalhavam em casa ou tomavam conta da sede a fazenda agora elas estão trabalhando no campo, no plantio de eucalipto. Elas fazem de tudo. Elas plantam, desbrotam. Cortam... antes os maridos iam para o campo e elas ficavam em casa. Faziam queijo...

[...] Elas não podem vir para a escola quando a gente chama, porque estão trabalhando. Causa transtorno, sim. Aluno que às vezes não faz um trabalho, porque não tem a mãe para estar cobrando. Acabam vindo mais o dia que precisam da gente ou o dia do vale renda. Aí elas veem à escola (Informação verbal)<sup>9</sup>.

Para facilitar a relação da escola com as mulheres (mãe de alunos) que trabalham nas firmas reflorestadoras, a Coordenação permite que escolham o período mais apropriado para vir à escola tratar de assuntos relacionados a seus filhos. Muitas vezes as mães procuram a direção da escola aos sábados ou domingos (a diretora mora na comunidade).

A compra de terras e arrendamento pela FIBRIA, além de ter desempregado centenas de camponeses, vem aumentando a concentração de terra na região e aquecendo o mercado o que resulta em majoração dos preços. Por outro lado, gera vazios populacionais na Microrregião o que incide diretamente sobre os caminhos da reforma agrária.

Segundo informaram de sitiantes, o Distrito de Arapuá era uma região de muita roça, lavoura diversificada. Vejamos a fala de um pequeno proprietário que comprou o sítio há 33 anos.

Então aqui era só roça. Aqui era lavoura. Milho aqui na região mantinha as fazenda da região tudo com milho. Colhi tranquilo. Não tinha problema de ataque de papagaio, de maritaca.

[...] Olha aqui mesmo na nossa região, quando eu comprei o sítio, aqui tinha dois bar, em frente do sítio. Dois bar. Dia de fim de semana, tinha hora que não tinha como você entrar dentro do bar.

---

<sup>9</sup> Transcrição de parte da entrevista gravada com professoras da Escola Estadual do Arapuá, realizada em 2010.

Hoje se você vai tocar um bar aqui, tem fim de semana que você não vê uma pessoa. Então, porque isso? Porque não existe mais fazendas. As fazenda é que trazia aquela multidão. Lavoura na época que tinha esses bar aí.... Todo mundo tocava lavoura. Tinha o bicho da seda, sericicultura. Trouxe muito movimento pra nós aqui. E era muito movimento. Então agora hoje, acabou (Informação verbal)<sup>10</sup>.

Enquanto explode a população de Três Lagoas, lugar central de reprodução das forças produtivas do complexo celulose/papel, ocorre a depressão dos lugares do entorno. Principalmente porque é neste entorno que acontecem os arrendamentos e o trabalho temporário. Percebe-se no depoimento que segue a clareza de entendimento daqueles que sofrem diretamente o impacto. Sabem, por exemplo, que emprego temporário não movimenta o comércio local.

Então o nosso lugar aqui o Arapuá, por exemplo, a vila do Arapuá, o movimento caiu. Então tem aquela ilusão porque vem muito peão, que vai dar muito movimento. É ilusão. Porque quando eram as fazendas, fazenda de gado, o movimento de fim de semana era outro. Totalmente diferente. Era muito movimento. Hoje você vai num dia de sábado, dia de domingo lá na vila, tem dia que você não vê ninguém. Porque os peão chega o fim de semana caça o rumo, some daqui, né. Quer dizer, os empregados de fazenda sustentavam o comercio do nosso distrito. E hoje tá bem difícil de se sobreviver do comércio ali no Arapuá A gente pensa que o eucalipto, a firma grande ia trazer o progresso pra nós. Tudo bem alguma coisa melhorou. Mas em sentido de comércio assim a gente percebe que não teve vantagem (Informação verbal)<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Transcrição de parte de entrevista gravada com sitiante do Arapuá em agosto de 2009.

<sup>11</sup> Transcrição de parte de entrevista gravada com sitiante do Arapuá em agosto de 2009.

Os prejuízos para o comércio local são percebidos por todos os comerciantes entrevistados das comunidades de Garcias e de Arapuá. Eles compreendem que enquanto as fazendas mantinham famílias empregadas essas aqueciam o comércio local. Esta leitura está presente também entre os sítiantes como é possível apreender no próximo relato quando o entrevistado faz referência às mudanças que a comunidade vem sofrendo a partir da expansão do plantio de eucalipto.

Dois, geralmente trabalhava dois. Agora não tem nenhum. Entendeu. Desmanchou até a sede. Arrendou só a terra mesmo. Então isso foi uma perda grande pro lugar, porque aquelas pessoas que eram funcionário de fazenda, eles eram fixo do lugar. Eles faziam o movimento. Tinham família. Tudo com família. Por exemplo, aqui pro lado do rio Verde tinha a fazenda Rio Verde. A fazenda Rio Verde tinha muito funcionário. Era de dez a doze família também que trabalhava lá. Tinha a Pombo Verde, tinha muita fazenda que era muito funcionário. Hoje em dia acabou tudo. A fazenda Sé que era enorme. Então o nosso Distrito aqui tá pacato. É ilusão que a gente pensa que esse negócio aí vai trazer progresso pro nosso lugar. Porque antigamente era bem mais movimentado que hoje. Isso até o próprio Antonio sabe disso aí... Era fixo. Hoje os empregos que vêm é passageiro. Eles traz gente de Minas.... faz aquele movimento. Traz gente da Bahia, de Pernambuco. Faz aquele movimentão. Daqui um mês tudo vai embora. Fez a limpa do eucalipto, tá viajando, tá indo embora. Assim não tem aquelas pessoas fixas. Não vem com a família. É tudo solteiro. Como diz o

outro, o que aconteceu quando começou essas firmas aí foi até prejuízo pra Vila. Porque foi uma coisa esquisita. Quando os mineiros chegou aí, as meninas que tinha, tudo ficou barriguda (Informação verbal)<sup>12</sup>.

Portanto, além do desequilíbrio ambiental e da perda de biodiversidade local/regional, uma série de outras mudanças econômicas estão ocorrendo no meio urbano como a crise das economias do entorno, a segregação espacial, a especulação imobiliária, superlotação dos serviços públicos, entre outros e que trataremos no decorrer do texto.

O desequilíbrio ambiental e a perda de biodiversidade local e regional

Segundo informação de campo de sitiante, que mora no Distrito de Arapuá há 40 anos, o Horto Rio Verde é a antiga fazenda Sé, que foi uma das primeiras fazendas comprada pela Chanflora há cerca de 20 anos, a referida propriedade tem nove mil alqueires.

O sitiante relata que a fazenda Sé possuía um mercadinho, aeroporto e muitas famílias residiam e trabalhavam nessas terras. Atualmente, a paisagem mais comum na fazenda é a registrada na foto 2. Observa-se ainda que se trata de situação comum em todas as áreas com plantio de eucalipto na Microrregião de Três Lagoas.

---

<sup>12</sup> Transcrição de parte de entrevista gravada com sitiante do Arapuá em agosto de 2009



É possível entender, a partir da imagem da foto 2, porque as grandes extensões de terra com plantio de eucalipto são denominadas por entidades ambientalistas de “Deserto Verde”: é verde no alto e de aparência desértica embaixo (reduzida biodiversidade).



**Foto 2:** Paisagem comum nos plantios de eucalipto no Horto Rio Verde em Três Lagoas

**Fonte:** KUDLAVICZ, agosto de 2010.

A característica dos nossos cerrados não é de matas homogêneas (uma só espécie de planta) como nos mostra a foto 2. Por isso é questionável a afirmação de que a melhor forma de recuperar as terras degradadas do cerrado brasileiro é plantando matas homogêneas de eucalipto como querem os defensores do setor florestal (ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, 2009).

Se não basta a diferença escancarada na paisagem entre cerrado e eucalipto para nos convencer do crime dessa substituição, lembremos as reflexões de Leonardo Boff sobre a tragédia provocada pelo volume de chuvas sobre o Rio de Janeiro e o alerta para o cuidado que precisamos ter com a natureza.

A causa principal deriva do modo como costumamos tratar a natureza. Ela é generosa para conosco pois nos oferece tudo o que precisamos para viver. Mas nós, em contrapartida, a consideramos como um objeto qualquer, entregue ao nosso bel-prazer, sem nenhum sentido de responsabilidade pela sua preservação nem lhe damos alguma retribuição. Ao contrario, tratamo-la com violência, depredamo-la, arrancando tudo o que podemos dela para nosso benefício. E ainda a transformamos numa imensa lixeira de nossos dejetos. Pior ainda: nós não conhecemos sua natureza e sua história. Somos analfabetos e ignorantes da história que se realizou nos nossos lugares no percurso de milhares e milhares de anos<sup>13</sup>.

Um dos indicadores mais visíveis do desequilíbrio ambiental proveniente dos desmatamentos para implantação de pastagens e, mais recentemente, para plantio de eucalipto, é a presença de aves na cidade. A migração de papagaios, periquitos, tucanos e araras ocorre de forma mais frequente a partir do final dos anos de 1990 e início dos anos 2000. Também é a partir deste período que os camponeses passam

---

<sup>13</sup> Publicado em 17/01/11 em <http://www.brasilefato.com.br/node/5484>. Acessado em 18/01/11

a sofrer ataques mais agressivos dos papagaios em suas lavouras de milho na Microrregião de Três Lagoas.

Olha, de uns anos pra cá [ataque de papagaios]. Isso é devido o que? O desmatamento desordenado, né. Porque os bichos não têm mais o que comer na mata. Então o que eles faz? Eles ataca as propriedades. Por exemplo, as frutas nossas aqui oh, não conseguimos mais colher uma poça, não conseguimos mais colher uma laranja... Manga tem umas meio temporona, eles estão derrubando tudo. Não está sobrando uma. Então é assim, né. É o preço que o homem tá pagando pelo desmatamento, a devastação que ele fez na natureza anterior. Agora tá pagando (Informação verbal)<sup>14</sup>.

Ultimamente as aves estão invadindo os pomares dos camponeses e se alimentando de todas as frutas, inclusive de limão quando não encontram outro alimento. Esse fenômeno também se repete nos perímetros urbanos de outras cidades da região Leste do Estado.

Situação apontada pelos camponeses como relativamente recente (a partir de 2000) uma vez que anteriormente, acerca de trinta anos atrás, essa era uma região de muita lavoura. Vejamos o relato de quem vive na região a mais de 30 anos.

[...] Aproximadamente de uns cinco anos pra cá que atacou mesmo [papagaios]. Muito mesmo de uns cinco anos pra ca. Até então não atacava muito. Atacava mas era controlado, agora não tem mais controle. Não tem como. Então a gente aqui planta algum milho, algum produtor pequeno ai planta. Ele tem que fazer uma vigília constante, senão ele não colhe nada. Gasta muito com foguete pra pode espantar. Então é isso ai... É a fome, né. Tem um limão ai daquele limão cravo, daquele limão brabo, eles estão acabando. Acabou a

---

<sup>14</sup> Transcrição de parte de entrevista gravada com sítante do Arapuá em agosto de 2009.

laranja, eles parte para o limão, goiaba... toda fruta. Não deixa nada. (Sitiante do Distrito do Arapuá).

Mas não apenas as aves estão migrando a procura de comida e trazendo preocupações para as famílias que moram nas comunidades rurais, há também a presença de outros animais. Alguns deles trazem perigo para a segurança das famílias como revela um morador da região: “os bichos tá vindo na porta de casa pegar as criação da gente. Não tinha isso de primeiro. Tá tendo até onça aqui perto”.

Indubitavelmente esses desdobramentos são parte das conseqüências da ampliação do modelo agrário-agrícola exportador baseado na monocultura com intensivo uso de herbicidas e agrotóxicos que simplificam os ecossistemas e diminuem a biodiversidade. O aumento do desmatamento, inclusive, estimula o crescimento de doenças como da leishmaniose e malária, nas áreas urbanas.

Apesar dos empresários do setor florestal repetirem na imprensa que as pesquisas encomendas pelo setor demonstram que o plantio de eucalipto não altera o balanço hídrico local, para os camponeses a concepção do processo é outra. Ou seja, eles têm vivenciado durante anos as mudanças provocadas pelo eucalipto e atestam o desaparecimento de nascentes, açudes e lagoas relacionados a essa expansão da monocultura na Microrregião de Três Lagoas.

Essa mesma leitura em relação ao desaparecimento de nascentes e açudes é relatada pelo ex-funcionário da empresa IP.

Com certeza tem. Agora a causa eu não sei te dizer, porque eu não sou da área. Mas com certeza tem. Inclusive onde existia um açude, ou seja, um córrego estancado que o fazendeiro usava este açude para tratar do gado, quatro anos após o plantio esse açude estava

seco. Então não é um problema de irrigação e sim porque a água, não está sobrando para abastecer os veios d'água para a manutenção dos córregos e também a manutenção dos açudes. Onde tem plantio de eucalipto não tem açude mais. Está tudo seco. (Informação verbal)<sup>15</sup>.

O uso intensivo de agrotóxicos, como herbicidas para limpar a área de ervas que possam competir com os eucaliptos, provocou nessa região do Horto do Rio Verde a morte de animais, bem como de árvores que estão preservados por lei como denuncia o relato que segue.

[...] já existia a lei de proibição de corte dos pequizeiros e com a aplicação aéreo matou tudo. Lá do outro lado, lá no município de Brasilândia, lá no final. Na beira do rio Verde, lá em cima. Então lá ocorreu a mortalidade dessas árvores. Das árvores esparsas que era, que é proibido tirar. Antes era corte raso. Tirava tudo e plantava eucalipto. Aí mudou a legislação. Mas por conta desta prática de aplicação aérea houve a mortalidade de áreas de mata de reserva legal. Porque a nuvem de herbicida ia lá e atingia e principalmente aquelas árvores que estava ali no meio. Como o plantio é extremamente, a aplicação do herbicida aéreo é extremamente pulverizado, aquilo matou muitas, muita coisa. Então, do meu ponto de vista é o seguinte, os órgãos ambientais tem de se preocupar em fiscalizar mesmo no início do plantio, porque depois de plantado acabou, já era. (Informação verbal)<sup>16</sup>.

Atualmente, segundo relatos de outros moradores das comunidades de Garcias e de Arapuá, as empresas continuam derrubando as árvores das fazendas onde será plantado o eucalipto, apesar da proibição estabelecida na legislação ambiental.

---

<sup>15</sup> Transcrição de parte da entrevista gravada com um ex-funcionário da IP, em agosto de 2009.

<sup>16</sup> Idem.



Há também informações colhidas junto aos camponeses do Assentamento Pontal do Faia, município de Três Lagoas, que denunciaram o uso de pulverização aérea nos plantios de eucalipto, próximo ao assentamento. Os entrevistados não souberam identificar o tipo de agrotóxico, mas foram unânimes em afirmar que no ano de 2010 durante vários dias uma aeronave de pequeno porte sobrevoou a área realizando pulverização.

Complementando o relato dos assentados, obtivemos informação de um trabalhador que atuou na construção da fábrica VCP (atual FIBRIA) de que teria presenciado inúmeras vezes o abastecimento das aeronaves próximo ao parque industrial da VCP/IP - que na época estava em obras.

Porém, durante a saída de campo realizada nas instalações da indústria, em 2010, um dos técnicos da empresa quando questionado se confirmava a prática de pulverização aérea, o mesmo manifestou surpresa. E afirmou desconhecer qualquer ocorrência dessa natureza alegando que a FIBRIA não utiliza pulverização aérea e que a empresa preza pelo respeito à legislação seguindo os preceitos defendidos pelas certificações, em especial no uso de defensivos.

Outra denúncia importante acontece em 2010 colocando em xeque o discurso da FIBRIA de respeito e observância da legislação, porém o denunciante não é um trabalhador ou camponês, mas uma fazendeira da região. Isso ocorre alguns dias após o registro da fala do técnico a qual fizemos referência no parágrafo anterior. Neste caso, houve registro da ocorrência por parte da Polícia Militar Ambiental de Três Lagoas que após atender o chamado da fazendeira flagrou um carro da empresa FIBRIA captando água próxima a uma nascente. A polícia aplicou multa de

R\$20.000,00 à empresa por não possuir autorização da proprietária e nem ambiental para realizar a captação de água<sup>17</sup>.

Provavelmente o fato mais grave resultante desse processo de expansão do monocultivo de eucalipto na Microrregião se refere à alta do preço das terras e à concentração fundiária que criam bloqueio à Reforma Agrária.

Segundo o proprietário da Imobiliária Crespo Imóveis, que trabalha no setor há 28 anos, a alta do preço das terras se deve a vários fatores. Entre eles a compra e arrendamento de terras para o plantio de eucalipto, o fracionamento das grandes propriedades, o preço pago acima do valor de mercado, e a valorização das áreas de expansão urbana.

A região do Distrito de Arapuá, distante 50 quilômetros da cidade, sofre uma valorização maior devido à procura de terras para uso como chácaras de lazer, cujo valor do alqueire tem sido negociado entre 20 e 25 mil reais, dependendo das benfeitorias existentes. A especulação ganhou ritmo tão acelerado que houve necessidade de intervenção no mercado por parte das papeleiras. Segundo o proprietário da referida imobiliária: “as empresas compradoras de eucalipto limitaram o valor de compra para áreas acima de 50 quilômetros da sede do município, para viabilizar economicamente o projeto de reflorestamento, no valor máximo de 8 mil a 10 mil o alqueire paulista”<sup>18</sup>.

A foto 3 ilustra de forma eloqüente como o plantio de eucalipto faz cerco aos projetos de assentamento e pressiona as famílias assentadas seja no sentido de

<sup>17</sup> Fonte: [http://www.pmambientalbrasil.org.br/noticias/2010/set\\_2010.htm](http://www.pmambientalbrasil.org.br/noticias/2010/set_2010.htm). Acessado em 12/01/2011.

<sup>18</sup> Informação verbal dada pelo proprietário da Imobiliária Crespo Imóveis no dia 04/02/10, no seu escritório situado na cidade de Três Lagoas.

mudar a atividade num futuro próximo ou até mesmo servir de mão de obra para a indústria.



**Foto 3:** Assentamento Alecrim cercado com plantios de eucalipto  
**Fonte:** KUDLAVICZ, 04 de julho de 2010

Esta foto 3 é do Assentamento Alecrim, município de Selvíria, que não faz parte da Microrregião de Três Lagoas, mas é limítrofe

O cerco com plantio de eucalipto vem ocorrendo no entorno de todos os Projetos de Assentamento da Microrregião. Por exemplo, no caso do Projeto de Assentamento Pontal do Faia, no município de Três Lagoas, a situação tende a se tornar mais grave, pois a construção da nova indústria de papel e celulose, conhecida como Projeto Eldorado da Florestal Investimentos Florestais S/A, está a pouco mais de um quilômetro do assentamento com a fábrica já em fase de construção.

## Considerações Finais

Neste artigo procuramos apontar os impactos dos plantios de eucalipto na Microrregião de Três Lagoas, da forma como são percebidos pelas comunidades rurais do entorno. E aqui ressaltamos os aspectos que tem tido menor visibilidade na opinião pública e nos meios de comunicação social local, qual sejam: a desagregação das comunidades, o desequilíbrio da fauna e flora, a especularização fundiária, etc. Porém, é evidente que neste processo há outro lado, ou seja, tem grupos sociais, tanto do campo como da cidade, beneficiados com a implantação deste modelo de desenvolvimento. Citamos a título de exemplo os grandes proprietários de terra que, ou venderam suas terras a preços agora super valorizadas ou as arrendaram para a empresa FIBRIA. Situação que tem aumentado a concentração fundiária na região e o bloqueio a Reforma Agrária. Atualmente a FIBRIA é proprietária de aproximadamente 240 mil hectares na Microrregião de Três Lagoas, o que significa um cerco cada vez aos projetos de assentamento já existentes e uma blindagem para a aquisição de novas áreas de terra para a Reforma Agrária.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **A territorialização do agronegócio do eucalipto na Região Leste de Mato Grosso do Sul e o cerco à Reforma Agrária**, Texto apresentado no XVI Encontro Nacional de Geografia/ENG, em Porto Alegre – 25 a 31/07/2010

COELHO, Maria Célia Nunes. *Impactos Ambientais em Áreas Urbanas – Teorias, Conceitos e Métodos de Pesquisa*, In. GUERRA, Antonio J. Teixeira, Cunha, Sandra Baptista da. (Orgs.). *Impactos Urbanos no Brasil*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. *Plano Estadual para o Desenvolvimento Sustentável de Florestas Plantadas*. Relatório final, Campo Grande, março de 2009.

KUDLAVICZ, Mieceslau. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas/MS**. Dissertação de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Geografia, UFMS, Três Lagoas, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso obre as ciências*. São Paulo: Cortez 2010.